



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS LICENCIATURA

**VALDICLÉIA PEREIRA DA SILVA**

**MULHERES E VIOLÊNCIA NO TRABALHO: UM ESTUDO A  
PARTIR DA REALIDADE DAS TRABALHADORAS DO COMÉRCIO EM  
TOCANTINÓPOLIS**

Tocantinópolis (TO)  
2020

**VALDICLÉIA PEREIRA DA SILVA**

**MULHERES E VIOLÊNCIA NO TRABALHO: UM ESTUDO A  
PARTIR DA REALIDADE DAS TRABALHADORAS DO COMÉRCIO EM  
TOCANTINÓPOLIS**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Rejane Medeiros de Almeida

Tocantinópolis (TO)

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

V146m    Valdicléia Pereira da, Silva.  
          MULHERES E VIOLÊNCIA NO TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR  
          DA REALIDADE DAS TRABALHADORAS DO COMERCIO EM  
          TOCANTINÓPOLIS . / Silva Valdicléia Pereira da. – Tocantinópolis, TO, 2020.  
          43 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2020.

Orientador: Almeida Rejane Medeiros de

1. Mulher. 2. Violência. 3. Trabalho. 4. Tocantinópolis. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

VALDICLÉIA PEREIRA DA SILVA

## MULHERES E VIOLÊNCIA NO TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE DAS TRABALHADORAS DO COMÉRCIO EM TOCANTINÓPOLIS

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Tocantins como requisito para  
o título de licenciatura em Ciências Sociais.  
Orientada pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rejane C. Medeiros de Almeida.

Data de Aprovação: 17/dezembro/2020

Banca Examinadora



Prof. Dr<sup>a</sup> Rejane Cleide Medeiros de Almeida/ UFT, Tocantinópolis, orientadora



Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição - Membro interno UFT - Avaliador



Prof. Ms Gilvânia Ferreira da Silva – Membro externo UFMA - Avaliadora

Tocantinópolis  
2020

*Que todas as Mulheres, não só hoje, mas todos  
os dias, sejam livres de qualquer violência e  
que não lhe sejam negados direitos a vida.  
Que sejam associadas a respeito e dignidade.  
Maria Simão Torres*

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus o maior direcionador da vida, pois somente com o seu direcionamento fui capaz de concluir essa pesquisa, nunca me abandonando nos momentos de necessidades.

Dedico aos meus pais Maria Rita da Silva Pereira e Juvelsino Pereira da Silva, sua grande força foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis sempre me deram força, afeto, carinho, dedicação e direcionamento para o caminho do respeito e da justiça. Agradeço de coração!

Dedico essa conquista também aos meus irmãos Remivaldi Pereira da Silva, Valdirene Pereira da Silva, Valdiléia Pereira da Silva, Renato Pereira da Silva, e Thaylla Gessica Pereira dos Santos, ao meu namorado Cosme Xavier de Barros agradeço pela força dedicada, e sem esquecer da minha amada filha Evillyn Vitória Pereira da Silva Lima que é a razão de toda minha vida, o motivo pelo qual jamais desisti dos meus objetivos, aos meus avós Josefa Rodriguês dos Santos, e Antônio Onorato de Sousa, e em especial a minha madrinha (in memoria) Maria Borges de Souza pessoa muito especial em minha vida, enfim! Dedico a muitas outras pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

Obrigada!

## AGRADECIMENTOS

Sem a direção dada por Deus, a conclusão deste trabalho não seria possível. Por causa disto agradeço a ele, com muita gratidão no coração.

Agradeço a todos que participaram direta e indiretamente do desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, enriquecendo ainda mais o meu aprendizado. Aos meus colegas de graduação que contribuíram para que essa caminhada se concretizasse, a Maria Elizangela, Vandekildes Almeida de Jesus, Eloina Marinho, Cláudia Marcia Rodriguês Lima amiga de muitos anos, agradeço a minha amiga Deisy Moura Rodriguês Aguiar, que nunca se negou a me ajudar e compartilhar o melhor de si comigo, me animando nos momentos mais difíceis, sendo sempre minha companheira de jornada, serei eternamente grata pelo carinho.

Aos docentes pelas correções e ensinamentos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado ao longo do curso, agradeço a professora Klívia de Cassia Silva Nunes, Samuel Correia Duarte, Rafael da Silva Noletto, serei sempre grata por tudo. Não poderia deixar de agradecer a equipe administrativa que sempre foram dedicados em me ajudar ao Revilmar, Rewrison Alves Moraes, e ao Marcelio pessoa a quem dedico todo meu carinho e gratidão. Agradeço a instituição de ensino Colégio Professor José Carneiro de Brito, pela dedicação proporcionada para a realização e conclusão dos estágios realizados na mesma, meu muito obrigada!

E o agradecimento especial, a pessoa, mulher, mãe e uma profissional dedicada que com muito amor zela por sua profissão, a você Professora Dr<sup>a</sup> Rejane Cleide Medeiros de Almeida, tenho imenso apreço e gratidão, agradeço pela paciência dedicada, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho, pois tudo isso serviram de pilares que me sustentaram para a conclusão desse trabalho, muito obrigada.

Por fim! Agradeço a todos com quem convivi intensamente durante os últimos anos de graduação, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mais também como profissional.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Trajetória da Pesquisa:.....	13
2. TRABALHO, MULHER E SOCIEDADE. ....	16
2.1 A Mulher na sociedade e no trabalho. ....	18
2.2 Relações entre trabalho feminino, violência e empoderamento. ....	21
3.CONTEXTO HISTÓRICO DE TOCANTINÓPOLIS.....	24
3.1 Tocantinópolis, breve histórico.....	24
3.2 Aspectos demográficos e socioculturais de Tocantinópolis. ....	28
3. MULHERES E TRABALHO NO COMÉRCIO EM TOCANTINÓPOLIS: DIMENSÕES DE VIOLÊNCIA.....	30
4.1. Mulheres e violência: contextos diversos .....	31
4.2. Relações de gênero no ambiente de trabalho em Tocantinópolis.....	34
Considerações .....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS .....	44
Anexo I – Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....	44

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Tocantinópolis, localizada no Norte do Estado do Tocantins, região central do Brasil em aspectos geográficos, tem como objetivo principal se analisar a (as) violência/s sofrida/s pelas mulheres trabalhadoras do comércio formal na sua atividade laboral no município de Tocantinópolis (TO). Para isso foi necessário tecer uma discussão sobre a história do trabalho e a participação feminina nele, em seguida, tecer aspectos históricos e sociais do campo de pesquisa, e por último, análise dos dados coletados. Para coleta dos dados foi utilizado entrevista semiestruturada a partir de questionário direcionado para identificar tais violências. Na análise dos dados buscou-se uma análise qualitativa a partir de autores da sociologia e autores que estudam sobre a violência de gênero. O resultado da pesquisa indicou por perceber que esse ambiente é um ambiente insalubre, e que algumas mulheres, apesar de estarem dentro deste ambiente, não conseguem ver a violência que elas sofrem, não conseguem ver que apesar de ser um colega de trabalho, às vezes uma piada, é um sinal de violência. Isso precisa ser modificado, políticas de conscientização precisam ser construídas. Justificando desta forma a importância desta pesquisa e de mais pesquisa como esta.

Palavras-Chave: Mulher, Violência, Trabalho.

## ABSTRACT

This work is the result of a research carried out in the city of Tocantinópolis, located in the North of the State of Tocantins, central region of Brazil in geographic aspects, its main objective is to analyze the violence / s suffered by the women workers of the trade formal in his work activity in the municipality of Tocantinópolis (TO). For that, it was necessary to weave a discussion about the history of work and the female participation in it, then weave historical and social aspects of the research field, and finally, analysis of the data collected. For data collection, semi-structured interviews were used based on a questionnaire aimed at identifying such violence. In the analysis of the data, a qualitative analysis was sought from authors of sociology and authors who study about gender violence. The research result indicated by realizing that this environment is an unhealthy environment, and that some women, despite being inside this environment, cannot see the violence they suffer, they cannot see that despite being a co-worker, sometimes a joke, is a sign of violence. This needs to be changed, awareness policies need to be built. Justifying in this way the importance of this research and more research like this.

Keywords: woman, violence, work.

## 1. INTRODUÇÃO

O convívio feminino que por muito tempo estava restrito ao lar, e as relações que dele surgiam com atribuições pré-definidas a mulher e que esta deveria seguir piamente, com o tempo foi se modificando e abrindo novos horizontes para a mulher. Este protagonismo estende – se ao mercado de trabalho que era predominantemente masculino, e quando estas duas realidades se chocam a violência vivida somente no lar estende-se também ao trabalho, fazendo com que a mulher sofra violências constantes, levando-as ao empoderamento e a necessidade de se impor para combater tal prática machista.

Se buscarmos uma leitura crítica da história da mulher no cenário do trabalho notamos que por muitos séculos suas atividades laborais eram restritas somente ao espaço familiar, ou seja, a mulher esteve por muito tempo condicionada apenas aos serviços domésticos. Este cenário muda com o advento da Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres precisaram suprir as vagas dos homens convocados para os exércitos. Esse foi um passo definitivo para a mudança de pensamentos e a demonstração da capacidade feminina Gabriel (2016). É neste momento que as mulheres começam a sair dos seus lares e ocuparem também um lugar no mercado de trabalho que até então era somente masculino. Na contemporaneidade, o trabalho se tornou algo complexo e completamente vasto com as divisões sociais do trabalho, mais precisamente, com atribuição das tarefas divididas em cargos, e estes por sua vez respeitam uma hierarquia nos ambientes de trabalho formal.

Outro fato determinante nessa evolução do espaço da mulher ocorreu por volta de 1961: o surgimento da pílula anticoncepcional e a conseqüente revolução sexual. As mulheres passaram a ter controle sobre a natalidade, podendo escolher ter ou não filhos, implicando diretamente na priorização do trabalho (GABRIEL, 2016 p.247).

É necessário também compreendermos que atualmente segundo Bastos et. al., (1995). A estrutura geral do conceito de significado do trabalho envolve três grandes domínios: a centralidade do trabalho, as normas sociais do trabalho, e os resultados e objetivos valorizados do trabalho. E este possui várias classificações, como, trabalho doméstico, trabalho profissional formal e trabalho profissional informal. O trabalho profissional formal é resultado da:

A intensificação da divisão do trabalho é uma característica fundamental do modo de produção capitalista. Não se trata aqui de uma divisão de tarefas ou responsabilidades que sempre existiu/existe em qualquer sociedade e que foi caracterizada por Marx como a divisão social do trabalho. A divisão do trabalho característica do modo de

produção capitalista inicialmente determinou a organização do trabalho na manufatura e se caracteriza pelo “parcelamento dos processos implicados na feitura do produto em numerosas operações executadas por diferentes trabalhadores [...] e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção” (NUNES et. al., p. 72).

No momento em que a mulher começa a participar da vida social no trabalho, saindo de seu lar, e deixando de exercer atividades apenas doméstica nota – se que a violência simbólica formada por uma sociedade machista, é capaz de romper também a estrutura do lar e atingir a mulher por onde ela andar. Por isso é necessário que entendermos a relação do trabalho feminino com a violência sofrida pela mulher. É necessário também a compreensão que a independência no âmbito do simbólico ainda não ocorreu. O esgotamento físico e mental resultante de uma sobrecarga em face de uma dupla ou tripla jornada de trabalho é uma realidade que merece maior atenção. (CAVEDON, R. et. al., 2005)

A pesquisa será realizada no município de Tocantinópolis, município este que segundo as últimas estatísticas do IBGE (2010) possui uma população de aproximadamente vinte e três mil habitantes, está situado no interior do Brasil, mais precisamente na região norte que geograficamente está na área de transição entre o cerrado e a floresta amazônica. A economia local é dividida principalmente entre o setor público e o setor privado (principalmente comércio e duas indústrias localizadas no município). Historicamente a cidade já foi um grande centro comercial quando o Rio Tocantins (que banha a cidade) era a principal via de comércio, com traslado e transporte de mercadorias via mecanismo fluvial. Se tratando de educação o município oferta os três níveis escolares desde a creche até o ensino superior, onde há oferta pública e gratuita de cursos de formação acadêmica presencial e privados oferecidos exclusivamente à distância. A cultural local. É caracterizada principalmente pela religiosidade cristã, danças tradicionais e comidas típicas que utilizam ingredientes do cerrado, e os derivados da palmeira do Babaçu muito comum na região. Todos estes aspectos históricos, geográficos culturais e econômicos, influenciam diretamente no cotidiano dos habitantes desta cidade, e consequentemente no cotidiano das mulheres sujeitas de estudo desta pesquisa.

O empoderamento feminino, atualmente é um termo utilizado como uma ferramenta de combate à violência e a discriminação sofrida pela mulher em todos os espaços. Há dois sentidos de empoderamento mais empregados no Brasil: um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia (KLEBA; WENDAUSEN, 2017) e com isto a mulher passa a protagonizar resistência a uma sociedade que outrora lhe privou de experimentações sociais fora do seu lar.

A violência de gênero tem se ampliado no Brasil, em todos os setores de trabalho. No caso de Tocantinópolis muitas mulheres ocupam cargos no setor do comércio, e a relação de gênero tem sido muito debatido, por tratar de salários e de tratamento com as mulheres. Busca-se identificar se essas mulheres sofrem violências e quais as formas. A partir disto este trabalho busca identificar se as mulheres trabalhadoras do mercado formal em Tocantinópolis sofrem violência em sua atividade laboral. Identificando se no setor do comércio há predominância do trabalho feminino, verificando como ocorre a escolha dessa contratação para trabalhar nesse setor e como ocorrem as relações de gênero no cotidiano de trabalho das mulheres em Tocantinópolis, para então analisar se há violência nas relações do cotidiano das mulheres.

Esta pesquisa torna-se necessária a partir do momento em que se busca compreender como as mulheres trabalhadoras inseridas no mercado formal de trabalho, na cidade de Tocantinópolis, lidam com a violência sofrida no trabalho, setor do comércio.

### **1.1 Trajetória da Pesquisa:**

Esta pesquisa teve início em dois momentos de conversa com colegas do curso (ciências sociais), conversas estas que discutiam basicamente a mesma linha de raciocínio desta pesquisa, sempre com olhares e discursos críticos a condição imposta a mulher e aos contextos diversos, que iam desde humilhações e violências até histórias e vivências com mulheres vencedoras, autônomas e independentes. E momentos em sala de aula sobre os mais variados tipos de violência praticados contra a mulher.

Lembro – me bem que uma das linhas de pesquisa (dos colegas de curso) era direcionada ao trabalho doméstico que não é totalmente apenas a limpeza, cozinhar, lavar, mais também a outras ocupações, que apesar de ser em muitas vezes ocupada por homens, ainda é uma atividade voltada ao gênero feminino, dessa forma, a pesquisa em si foi direcionada ao gênero feminino no meio de trabalho doméstico. A outra pesquisa era direcionada a violência simbólica que basicamente ocorre a todo tempo sem que as mulheres tenham conhecimento que se trata de violência, principalmente ocorrido no ambiente doméstico, domiciliar, logístico etc.

Diante disso, e levando em consideração a desvalorização da mulher no trabalho, assim como as frequentes ocorrências de violência contra a mulher em vários âmbitos sociais, despertou o interesse em pesquisar sobre o trabalho da mulher na cidade de Tocantinópolis - TO.

A realização da pesquisa e construção deste trabalho partiu de uma pesquisa qualitativa exploratória, em seguida foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo para coleta

de dados em formato de entrevista com questionário aberto. A partir da pesquisa bibliográfica foi realizada a fundamentação teórica sobre trabalho feminino; violência simbólica; trabalho informal e trabalho formal. A pesquisa de campo trouxe para a discussão o universo feminino com foco no trabalho formal do comércio local. O instrumento utilizado na coleta dos dados foi uma entrevista com questionário previamente construído e com roteiro de questões. Os indivíduos da amostra foram mulheres empregadas no comércio local, vistas como trabalhadoras formais. A análise da pesquisa foi realizada por meio de uma análise crítica das respostas com o aporte teórico metodológico descritos no corpo do texto.

Esta pesquisa justifica – se na necessidade de identificar violências sofridas por mulheres trabalhadoras inseridas no mercado formal de trabalho, na cidade de Tocantinópolis, mais precisamente no setor do comércio varejista.

A violência de gênero tem se ampliado no Brasil, em todos os setores de trabalho. No caso de Tocantinópolis muitas mulheres ocupam cargos no setor do comércio, e a relação de gênero tem sido muito debatida, por tratar de salários e de tratamento com as mulheres. Busca-se identificar se essas mulheres sofrem violências durante o exercício das suas funções e quais as formas.

Como objetivo geral buscou-se analisar a (as) violência/s sofrida/s pelas mulheres trabalhadoras do comércio formal na sua atividade laboral no município de Tocantinópolis (TO).

Os objetivos específicos buscaram: Verificar como ocorre a escolha da contratação para trabalhar nesse setor; analisar se há violência nas relações do cotidiano das mulheres; verificar como ocorrem as relações de gênero no cotidiano de trabalho das mulheres em Tocantinópolis.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que as mudanças ocorridas na sociedade capitalista nos últimos séculos com o tempo foram se modificando e abrindo novos horizontes para a mulher, principalmente após revolução industrial. Este protagonismo estende – se ao mercado de trabalho que era predominantemente masculino, e quando estas duas realidades se chocam a violência vivida somente no lar estende-se também ao trabalho, fazendo com que a mulher sofra violências constantes, levando-as à necessidade de luta para combater tal prática machista.

De acordo com o objetivo da pesquisa e seu problema é que buscamos definir qual método utilizar na realização de uma pesquisa. De modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de eventos que tanto podem se efetivar no âmbito dos estudos teóricos, quanto de pesquisas de campo, Duarte (2002). A definição de critérios para a seleção de materiais e métodos a serem utilizados é primordial, ao interferir diretamente nas informações e na qualidade delas, possibilitando a construção a análise e chegar à compreensão mais ampla

do problema. Em conjunto com isso também é necessário que se trace o tipo de análise ou de análises que serão utilizados para a interpretação dos dados coletados a fim de dar vida a pesquisa científica que se propõe.

Á medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias, este tipo de pesquisa se difere da pesquisa quantitativa (DALFOVO et., al, 2008, p. 9, apud, RICHARDSON, 1989). Ou seja, na medida em que a pesquisa qualitativa trabalha com informações de cunho qualitativo, ao qual os dados coletados não são representados em números, e as conclusões refletem a essência das análises. Para estas análises o método comparativo lança mão de um tipo de raciocínio que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998).

Sobre a pesquisa exploratória, ela é utilizada em diferentes contextos. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008 apud SANTOS, 2009, p. 1).

Esta assim como outros métodos de pesquisas necessita de referencial teórico bibliográfico, mesmo com poucas referências, é importante que tenhamos embasamento científico para tal tarefa. Haverá sempre alguma obra, algum evento, alguma entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos, os quais podem estimular a compreensão, como conclui Santos (2009, p. 1):

Tente imaginar que você foi a primeira pessoa a ser convidada para ser o tripulante de uma nave espacial que será lançada ao planeta Marte. Até o presente momento, nenhum ser humano pousou em Marte. Todas as informações de que dispomos sobre o planeta foram enviadas por sondas não tripuladas. Não sabemos ainda como o ser humano poderá suportar uma viagem tão longa. Levando-se em conta a atual tecnologia de propulsão química, a viagem demoraria cerca de dois anos. Se a nova tecnologia de plasma (que está sendo desenvolvida) ficar operacional nos próximos 20 anos, existe a possibilidade desta viagem durar 40 dias. De qualquer modo, estamos pisando em terreno novo. Sabemos pouco ou quase nada sobre viagens interplanetárias. Assim, tudo aquilo que pudermos aprender com essa viagem, todas as experiências, todos os dados e informações coletadas são importantes.

Desta forma a pesquisa exploratória trabalhada juntamente com o método qualitativo nos permitirá compreender determinado fenômeno, ao mesmo tempo em que este nos seja novo. Bem, apesar de já termos várias pesquisas que tratam do universo feminino atrelado ao ambiente de trabalho moderno, capitalista, entendemos que essa pesquisa se configura como

uma pesquisa exploratória porque investiga um ambiente capitalista em uma região periférica aos grandes centros econômicos brasileiros, ou seja, as capitais e grandes cidades. Estamos com isso, falando de um local pequeno, se considerarmos o território e o índice demográfico, porém, está totalmente inserida dentro do sistema capitalista e que nos pode apresentar fatores novos durante essa investigação.

## **2. TRABALHO, MULHER E SOCIEDADE.**

A categoria trabalho sempre ocupou um lugar preponderante e central desde a formação e o desenvolvimento do pensamento sociológico, isto é, desde o surgimento da sociologia (CARDOSO, 2011). Por isso, faz-se necessário que se busque o entendimento desta categoria para o pensamento sociológico, e sejam realizados estudos diversos a fim de elucidar as relações sociais construídas a partir dela. Na sociedade ocidental em que vivemos, com olhares voltados para a contemporaneidade vemos o universo desta categoria diferente do que era. Envolvido em uma sociedade descrita, por Marx (2013) como capitalista, vemos nesta uma teia de relações sociais com objetivos determinados. Neste cenário as relações de gênero se afluam principalmente pela necessidade de produção e consumo para acúmulo de riquezas.

O trabalho por muito tempo, e em algumas civilizações era visto como algo a punir o homem na Grécia Antiga, por exemplo, o ócio era louvável enquanto o trabalho era algo visto como uma punição ou algo a ser realizado por pessoas que não tinham nobreza. Ao ser visto desta forma era atividade essencialmente desenvolvida por escravos, enquanto seus donos teriam tempo para desfrutar de atividades que não impunham sofrimento ao homem. Na verdade, durante boa parte da história ocidental o trabalho foi considerado como uma atividade depreciável, pois por muito tempo foi associado à atividade de escravo Santos (2012).

Ainda segundo Santos:

O trabalho é, na verdade, uma necessidade natural e essencial do ser humano, sem a qual ele não existiria. Diferentemente dos outros animais que se adaptam passivamente ao meio ambiente, o ser humano atua sobre ele de forma ativa, obtendo os bens materiais necessários para sua sobrevivência e existência. É pelo trabalho que o ser humano se humaniza e também humaniza a natureza. O trabalho criou condições para o ser humano ir além de seu caráter de natureza, isto é, possibilitou que ele se emancipasse da natureza. Ele não deixa de ser um animal, de pertencer à natureza, mas não mais de forma tão determinada como os outros (SANTOS, 2012, p. 24).

Diante disto notamos que o trabalho vai além de uma atividade necessária do homem para sua sobrevivência e existência, ele se configura como um objeto de estudo macro no âmbito das ciências humanas. A partir disto, as variadas relações construídas a partir desta categoria,

são passíveis de estudo e entendimentos. Dentre as várias relações criadas, as relações de gênero hoje são alvo de muitas discussões, sejam elas no âmbito científico ou no senso comum.

É sabido por muitos que vivemos em uma sociedade machista, caracterizada pelo patriarcalismo<sup>1</sup>. Este modelo de sociedade é repassado através das gerações humanas que se sucedem na história. Podemos olhar para esta questão através de várias tóricas das ciências humanas, como por exemplo, a teoria do fato social construída pelo sociólogo francês Émile Durkheim, a qual esta teoria é apresentada através de três fatores, sendo ela exterioridade, coercitividade e generalidade que objetiva a realidade. Ou seja, ligados ao fato social estão diversas regras, em que nos adaptamos na medida em que somos criados para ser fruto deste meio, adaptando, respeitando e obedecendo a estas regras.

A relação a ser tecida então entre as questões de gênero, trabalho dentro deste contexto se dá a partir das regras pré-estabelecidas para cada pessoa de sua função em relação ao seu gênero, pois:

Na Idade Média, o trabalho de mulheres estava ligado às atividades reprodutivas, ou seja, o trabalho doméstico não era considerado como trabalho, por não estar vinculado a uma relação econômica – debate que perdura até hoje. As mulheres ocupavam-se dos afazeres domésticos: cuidar da casa, do marido e dos filhos, além de atuarem na agricultura com os maridos. Estavam isentas da condição de assalariamento (TORRES, 2006 p. 03).

E também:

Na Idade Moderna, o trabalho expandiu-se para além do âmbito doméstico, pois se percebe que as mulheres casadas e principalmente as solteiras já tinham atividades fora de casa. É nesse período que o trabalho feminino começa a atuar no âmbito do trabalho produtivo, pois as mulheres desta época trabalhavam em atividades fora do âmbito doméstico, com roupas, metais, olarias etc. (TORRES, 2006, p. 03).

A relação entre o capitalismo marxista e o fato social durkheimiano ocorre quando um fato social é reconhecido pelo seu poder de coação externa sobre os indivíduos, que é geral no conjunto de uma dada sociedade. O Trabalho exerce estes fatores na sociedade contemporânea sob os indivíduos, dando um tom de ordem social, construído através de uma consciência coletiva destes.

Com isso, olhar para o atual cenário e nele vê que tanto mulheres como homens nos transitam mesmo locais de trabalho, às vezes com mesma função, porém com tratamentos diferentes, que prejudicam as mulheres, atrelado ao constante assédio, no trabalho e em casa e

---

<sup>1</sup> Patriarcalismo: Forma de organização social onde o homem exerce domínio político, econômico, religioso, e detém o papel dominante na família, em relação a mulher. (Larousse 2001)

as várias formas de violência, mostra a necessidade de investigação deste problema de forma científica nos locais onde o capitalismo influencia diretamente na vida das pessoas.

Silvia Federico (2019), no seu livro *Mulheres e caça às bruxas*, faz um estudo sobre os séculos VI e VII, estabelecendo relações com a contemporaneidade. Como as mulheres foram ao longo dos séculos transformadas em bruxas, seus corpos e sexualidades controladas e o trabalho estendido a mulher na revolução industrial. Entretanto, a mulher tinha que trabalhar e cuidar da casa e dos filhos, tarefas múltiplas. Nesse caso, destaca a autora: “A “racionalização” do mundo natural- precondição de uma disciplina de trabalho mais organizada e da revolução científica – passava pela destruição da “bruxa” (FEDERICI, 2019, p.65-66)”. A revolução industrial trouxe transformações no modo de produção capitalista, avançando sobre o trabalho feminino. O desenvolvimento do capitalismo, aportou um conjunto de ideias e arcabouços teóricos, práticas que se ancorou na acumulação primitiva, uma vez que destruiu um conjunto de sujeitos e práticas femininas. Para A autora o desenvolvimento trouxe, sobretudo:

[...] acumulação de uma numerosa mão de obra e imposição de uma disciplina de trabalho mais coercitiva. Apontar e perseguir as mulheres como “bruxas” preparou o terreno para o confinamento das europeias no trabalho doméstico não remunerado. Isso legitimou sua subordinação aos homens, dentro e fora da família. Deu ao Estado controle sobre sua capacidade reprodutiva, garantindo a criação de novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. Dessa forma, a caça às bruxas estruturou uma ordem especificamente capitalista, patriarcal, que continua até hoje, embora tenha se ajustado constantemente em resposta à resistência das mulheres e às necessidades sempre em transformação do mercado de trabalho (FECERICI, 2019, p. 91-92).

## **2.1 A Mulher na sociedade e no trabalho.**

Quando começamos a falar ou pensar sobre mulher temos uma questão que é de fundamental no esclarecimento, sempre ouvirmos falar sobre sexo e gênero, aqueles que ainda não tiveram a curiosidade de tentar entender a diferença entre estes dois termos facilmente pode se confundir, porém o sexo refere-se às diferenças biológicas entre homem e mulher, seus aparelhos reprodutores, suas funções diferenciadas decorrentes de seus hormônios (QUERINO et. al. 2012, Apud Diaz, 1999). Gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. Com isso temos aquelas ideias clara de que no ambiente de trabalho, ou melhor, dizendo, em todas as atividades humanas existem tarefas criadas ou estereotipadas para cada sexo fazendo dessa forma uma divisão de gênero para as atividades do trabalho.

O gênero é uma categoria que está diretamente relacionada à divisão sexual do trabalho e aos novos determinantes do mundo do trabalho; passou a ser discutido por vários autores que tratam sobre as mudanças postas na contemporaneidade mundial, Querino et. al. 2012. A mulher, ao longo dos anos, sofreu em razão do seu gênero, a ela sempre foi imposto o papel de subordinada. Em razão disso sempre passou por momentos em que se viu frente a discriminação e a opressão, porque a sociedade compreendia que a ela estava predestinado um determinado papel.

Para conseguirmos compreender esse papel da mulher na sociedade é preciso voltarmos os novos olhares para os primórdios da existência da nossa sociedade junto a isto precisamos entender a formação desse sujeito, seus grupos e as classes sociais.

O longo período de invisibilidade feminina e as formas mais atuais assumidas pela história das mulheres informam muito sobre o seu lugar na disciplina histórica. Tanto trazem esclarecimentos sobre a escolha dos objetos tais como se apresentam num dado momento para a história, como informam sobre a maneira particular de tratá-los. Decorridos dez anos, ocorreram mudanças importantes na forma de identificar e de analisar os objetos históricos. No interior deste amplo movimento sobre o qual poucas reflexões foram desenvolvidas, a história das mulheres oscilou entre sistemas muito variados de exclusão, de tolerância e de banalização, esse último tema da maior importância no momento. Colocá-los em evidência responde a um duplo objetivo: o de permanecer crítico com respeito às formulações próprias à história das mulheres; o de questionar, por outro lado, a necessária relação entre este campo de estudos e o conjunto da pesquisa histórica. (DAUPHIN et. al. 1986 p. 1).

A formação das mulheres nas sociedades que antecederam o capitalismo pós revolução industrial, era restrita ao lar e aos cuidados com a família, ela tinha a tarefa de gerar filhos, cuidar dos mesmos, e cuidar do lar. Mas a partir da constatação de negação e de esquecimento, a história das mulheres toma seu impulso a partir dos anos de 1970, apoiada à explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições da história social e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular (DAUPHIN et. al. 1986).

A inserção em massa da mulher no mercado de trabalho tem início na época em que as indústrias aumentavam e ficavam cada vez mais fortes, com maior impacto ocasionada pela Revolução Industrial, momento em que foi necessária uma maior mobilização da mão de obra feminina, principalmente nas fábricas. Porém em contrapartida a essa necessidade por mão de obra feminina, veio também a desvalorização da sua mão de obra. Isso ocorre porque empiricamente, nenhuma sociedade de classes obedece ao modelo teórico do livre jogo da competição, deixando persistir fatores de cunho essencialmente irracional como são os critérios

e partir dos quais os status e papéis sociais são atribuídos, fatores estes que acabam por interferir na própria constituição e dinâmica das sociedades capitalistas (SOFFIOTI, 1976).

O que acontece no mundo capitalista e globalizado é a generalização deste tratamento para com a mulher. Se isso ocorre de forma geral dentro do sistema de produção que rege o ambiente de trabalho assim como aconteceu no surgimento do trabalho industrializado o que abriu espaço para a mulher no Brasil não foi diferente assim como também não era diferente o tratamento que a mulher sofria antes da industrialização chegar ao Brasil pois:

Desde a colonização do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até mesmo desumanas. elas foram admiradas ,temidas como representantes de Satã e foram reduzidas a objetivos de domínio e submissão por receberem um conceito de não função tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até mesmo aniquilada [...]. Naquela época os costumes heterodoxos eram vistos como notícias de barbarismo e da presença do Diabo. do Nascimento à velhice, as mulheres tupinambás recebiam tratamento se tarefa enredadas a selvageria e como marcas do barbarismo. Essa pode ser uma visão bem estrangeira das mulheres tupinambás, mas para aquele povo, tudo era feito seguindo as determinações de sua concepção da natureza humana. (TORRES p. 03)

Essa visão retrógada do papel da mulher sobreviveu ao tempo e as lutas travadas principalmente pelos movimentos feministas. Atualmente no Brasil, estudos apontam para uma estratificação no quesito remuneração que parte inicialmente na diferenciação de sexo e gênero, fazendo com que as mulheres, tenham uma menor remuneração mesmo desempenhando as mesmas atividades que os homens. Saffioti (1976) faz um questionamento a essa situação quando fala:

Que explicação se daria ao fato de as mulheres brasileiras não terem sido absorvidas, em grande escala, pela estrutura de classes, que se vem constituindo no Brasil, senão a de que os limites de realização do sistema capitalista de produção estão figurados em seu sistema de justificações de si próprio, isto é, que seus sistemas de valores se prendem a épocas anteriores, nas quais a mulher estava condenada a ser uma eterna dependente do homem? Ora, neste sentido, as estratificações sociais são, ao mesmo tempo, sobrevivências superestruturais de estruturas já superadas e racionalizações do sistema de produção existente. Qualquer que seja o ângulo do qual se as considerem, as estratificações se revelam fenômenos de superestrutura baseados na estrutura de classes existente ou já superada. (SAFFIOTI, 1976, p. 194)

É de conhecimento de todos que mesmo com a presença da mulher cada vez mais sólida nos postos de trabalho, os cargos vistos como mais importantes que por sua vez são mais bem remunerados, sempre foram destinados aos homens, pois a questão do gênero feminino sempre foi obstáculo para o avanço da mulher no mercado de trabalho, e suas características sempre

foram relacionadas à fragilidade, lançando mão do profissionalismo e da sua capacidade de trabalho.

Como resultado a estas questões busca-se compreender parte do universo feminino no ambiente de trabalho, pois este que em outro momento esteve restrito apenas ao homem, hoje está aberto também à mulher, porém à medida que a mulher passa a conviver neste espaço desempenhando as mesmas funções dos homens, esta ação passa a ser vista ou interpretada como uma ação de confronto ao ser masculino no seu espaço. O homem passa a praticar violência contra a mulher também em função de sua atividade fora do lar, a medida em que a necessidade por mão de obra aumenta devido ao progresso nas produções, e o processo de mais valia do capitalismo (MARX 2013), se torna mais agressivo no mercado, fazendo com que as fábricas buscassem mais mão de obra e que estas fossem mais baratas.

Essa conjuntura de mudanças repentinas e constantes, advindas da necessidade de produção fez com que mais mulheres passassem a participar da vida do trabalho. Assim como a violência física e simbólica pelo seu papel na sociedade e seu estereótipo de ser frágil que antes estava somente no âmbito familiar, passou para o âmbito público e coletivo nas fábricas, durante longos períodos de exploração da sua mão de obra e das humilhações vivenciadas nelas, as mulheres começaram a criar resistência, ao perceberem sua importância nestes locais. Fazendo surgir a resistência feminina as suas condições desumanas, a partir daí temos o surgimento do feminismo que vai alterar toda a cadeia de trabalho e, as relações que existiam neste espaço.

## **2.2 Relações entre trabalho feminino, violência e empoderamento.**

A conquista da mulher por um espaço no mercado de trabalho remonta ao início do século XIX, quando a sociedade acreditava ser o homem o único provedor das necessidades da família, cabendo a esposa função de manter o lar na mais perfeita ordem, além de educar seus filhos Reis et. al. (2013). Ao longo da história, a mulher foi conquistando seu lugar no mercado de trabalho. Durante séculos sua ocupação esteve restrita aos afazeres domésticos e à educação dos filhos, e ao homem cabia sair e trabalhar em busca do sustento do lar. Essa realidade teve mudanças significativas no século XX, segundo, Gabriel (2016). As relações sociais de gênero, evidenciadas através dos estudos a partir da compreensão do patriarcado e no capitalismo, podem ter suas especificidades percebidas em cada contexto (SILVA;

MARQUES, 2006). No trabalho de forma geral notam-se estas evidências em várias culturas e de diferentes formas.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, as mulheres precisaram suprir as vagas dos homens convocados para os exércitos. Esse foi um passo definitivo para a mudança de pensamentos e a demonstração da capacidade feminina. Outro fato determinante nessa evolução do espaço da mulher ocorreu por volta de 1961: o surgimento da pílula anticoncepcional e a conseqüente revolução sexual. As mulheres passaram a ter controle sobre a natalidade, podendo escolher ter ou não filhos, implicando diretamente na priorização do trabalho (GABRIEL; NODARI, 2016, p. 247).

A pretensão de discutir ou estudar a igualdade de gênero é sempre remetida a um olhar para o mundo feminino, tendo em vista o processo de interiorização o qual as mulheres foram subjugadas durante séculos e ainda é na atualidade (SILVA et. al., 2014).

O problema do reconhecimento das mulheres como trabalhadoras se dá quando a não consideração dos afazeres domésticos como trabalho silenciou e tornou invisível, por muito tempo, relações assimétricas e de poder entre os sexos (SOUSA; GUEDES, 2016). A partir do momento em que esta realidade começa a ser questionada pelas ciências humanas, as atividades domésticas passam a serem vistas como trabalho, desta forma termos como jornada dupla de trabalho passam a fazer parte desta nova visão da realidade feminina. Porém:

O ingresso das mulheres no mundo econômico não equilibra as funções atribuídas aos sexos, ao contrário, reforça as desvantagens vividas pelas mulheres que atualmente compartilham com os homens, de forma equânime ou não, a provisão financeira da família juntamente com a responsabilidade da esfera reprodutiva. A saída do lar e as conquistas cada vez mais visíveis no âmbito público representaram uma revolução incompleta, uma vez que as mulheres ainda assumem praticamente sozinhas as atividades do espaço privado, o que perpetua uma desigual e desfavorável divisão sexual do trabalho para elas (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 125).

Nota-se com a inserção da mulher em espaço de trabalho masculinizado, a necessidade de alternativas para que seja quebrada a barreira criada a partir de preconceitos e discriminação de gênero. Se olharmos superficialmente a situação feminina frente ao trabalho, notamos em nosso dia a dia a presença feminina em todos os espaços de trabalho. O trabalho atual é subdividido em trabalho formal e informal, que possuem várias ramificações. O trabalho formal, por exemplo, é dividido entre o setor público (onde os trabalhadores são agentes dos governos, federal, estadual e municipal), e o setor privado (compreendido com empresas e empreendimentos, para prestação de serviços, processamento e venda de mercadorias). Com isso, o mundo do trabalho se apresenta como algo complexo e cada modalidade possuem sua própria teia de relações. Que são subsidiadas pelas relações de gênero criadas a partir de sociedade patriarcais.

Ao enfrentar esta realidade para a mulher é necessário a busca pelo empoderamento feminino, definido como:

Processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc. em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial. (KLEBA; WENDAUSEN 2017, p. 735)

Quando isto acontece, ou seja, quando se inicia o processo de empoderamento feminino, busca não somente aceitação feminina no mercado de trabalho, há também a busca no combate à violência tanto física quanto simbólica sofrida pela mulher. Segundo Echeverria et al. (2017, p. 14),

A violência contra a mulher é um evento alarmante em todo o mundo. Encontra-se presente em praticamente todos os países, independentemente de suas culturas, etnias e costumes. No Brasil não é diferente: a violência contra a mulher é uma realidade na população em geral. Pesquisa de opinião, realizada pelo Data Popular e Instituto Patrícia Galvão no início de 2013, revela que a agressão contra mulheres é percebida como um dos crimes mais recorrentes no País. Além disso, essa mesma pesquisa mostra que 70% dos que foram entrevistados acham que as mulheres sofrem mais violência em ambiente doméstico, sendo a maioria das agressões praticadas pelos companheiros.

Ainda segundo as autoras, a violência doméstica praticada pelo parceiro afeta a atividade laboral, trazendo consequências no rendimento e na rotina de trabalho, sendo difícil separar os problemas de casa das atribuições de seus empregos. Precisamos pensar na violência contra a mulher não somente como fato que é restrito especificamente ao lar, ou que esteja acontecendo nos espaços familiares que ela convive, precisamos começar a enxergar que essa violência contra a mulher está generalizada, ou seja, ocorre em todos os locais que existem relações sociais. Pois entendemos que a violência não se configura somente no aspecto da agressão física, temos também a violência simbólica. Quando ela está no ambiente de trabalho, por exemplo, isso também pode acontecer com muita frequência, pode vir de um cliente, pode vir de um patrão ou pode vir de um colega de trabalho até mesmo de uma colega de trabalho.

O acesso aos meios de comunicação, conseqüentemente das informações que foram provocadas pelo avanço das tecnologias, fruto da globalização capitalista, teve como resultado o compartilhamento ostensivo e imediato de lutas e críticas a uma sociedade machista e sexista. Com isso, os relatos de violência sofrida pelas mulheres no ambiente de trabalho foram mais compartilhados e o esclarecimento do que é violência e todas suas manifestações, permitiu às mulheres a identificação destes atos.

Com isso fazer um recorte nos estudos sobre violência contra a mulher no ambiente de trabalho se faz necessário, e a partir disto, estamos trazendo este estudo para a cidade de Tocantinópolis. Apesar de estar situada em uma zona periférica, ou no interior do Brasil, a cidade de Tocantinópolis está completamente inserida no mundo globalizado, onde até mesmo nas ruas, praças e comércios podemos ver as pessoas constantemente fazendo uso de aparelhos que dão acesso as mais variadas informações. Diante de tudo que já foi discutido, e pesquisado notamos que este estudo se mostra como exploratório porque no local em que foi realizado, ainda não identificamos nenhum outro que buscasse estabelecer ligação entre o cotidiano da mulher, as violências sofridas e o mercado de trabalho formal local. Porém para entendermos a fundo este local, precisamos primeiro entender o contexto da cidade de Tocantinópolis.

### **3.CONTEXTO HISTÓRICO DE TOCANTINÓPOLIS**

#### **3.1 Tocantinópolis, breve histórico.**

Retirantes nordestinos, principalmente maranhenses em busca de novas terras, atravessaram o Rio Tocantins que era principal via de acesso e rota comercial da época, fornecendo mantimentos para os mercados das pequenas povoações e vilas.

À margem do rio Tocantins, Tocantinópolis tem sua fundação datada de 1818, graças a dois lavradores – Antônio Faustino e Venâncio - componentes de uma bandeira pacificadora de índios. Ao notarem a fertilidade das terras da região, desligaram-se da bandeira e se fixaram, com suas famílias, à margem do Tocantins, dedicando-se exclusivamente à agricultura. Dada a altitude do local, deram-lhe o nome de Boa Vista. A notícia da fertilidade das terras e dos extensos babaçuais da região atraíram grandes contingentes do Piauí, Ceará e Maranhão. Em face disto, Frei Francisco - que fora catequizar os índios Apinajés- ali se fixou e construiu uma capela, marco fundamental da futura cidade. No ano de 1897, o padre João Lima fixou residência no local e encabeçou três revoluções. Uma delas foi contra um opositor político, Manoel Gomes da Cunha. Por seus feitos, o padre se tornou tradicional e conquistou a credibilidade da população, e somente sua opinião prevalecia. Com a valorização da amêndoa do babaçu, a cidade alcançou notável desenvolvimento e, em 1943, o município teve o seu nome mudado para Tocantinópolis. (SEPLAN/TO, 2017, p. 09)

A região em que a cidade de Tocantinópolis começou a ser formada hoje é chamada de Beira Rio, seu acesso era muito difícil, os imigrantes que chegavam as margens no outro lado do rio necessitavam de balsas e canoas improvisadas para atravessarem, vindos de outras cidades e tendo como meio de acesso principal a travessia do Rio Tocantins, aqueles vindos de outras localidades, que não necessariamente atravessavam o rio neste local, enfrentavam caminhos por dentre a vegetação nativa, este trajeto a pé ou montado era feito principalmente

no lombo de animais ou puxados por carros de boi. Esse trajeto levava muito tempo para ser concluído, podendo ser dias, semanas ou meses.

As primeiras pessoas que se estabeleceram aqui chamavam o local de Boa Vista do Tocantins, isto por acharem uma vista bela, por ser cercado de morros e mata nativa. Fundado como município nomeado de Boa Vista do Tocantins, devido a lei federal, passou a se chamar Tocantinópolis.

Por Resolução Provincial nº 14 de 31-7-52, foi criado o distrito com o nome de DISTRITO DE BOA VISTA DO TOCANTINS. Em 28 de julho de 1858, Boa Vista do Tocantins foi elevada a categoria de cidade pela Lei Provincial nº 02 [...] Por lei que entrou em vigor a 1º de janeiro de 1943, [...] recebeu a dominação de Tocantinópolis, obedecendo ao critério do Governo Federal que proibia no País dois topônimos iguais. (CORREIA, 1977 p. 21)

Tocantinópolis é historicamente marcada por conflitos armados ocorridos na região de boa vista (hoje esta região é conhecida como Bico do Papagaio, está dividido em vários municípios). Estes conflitos tinham teor tanto políticos como religiosos um dos personagens mais marcantes destes conflitos é o Padre João Lima, além de líder religioso, padre João administrava a região da Boa Vista e regia a população. Padre João, comandou três revoluções, sua última foi a mais marcante ocorrida no ano de 1936.

Um dos períodos mais marcantes da história do município foi o período em que este foi governado pelo por João de Sousa Lima, mais conhecido como Padre João, nesse contexto Tocantinópolis já havia sido emancipada.

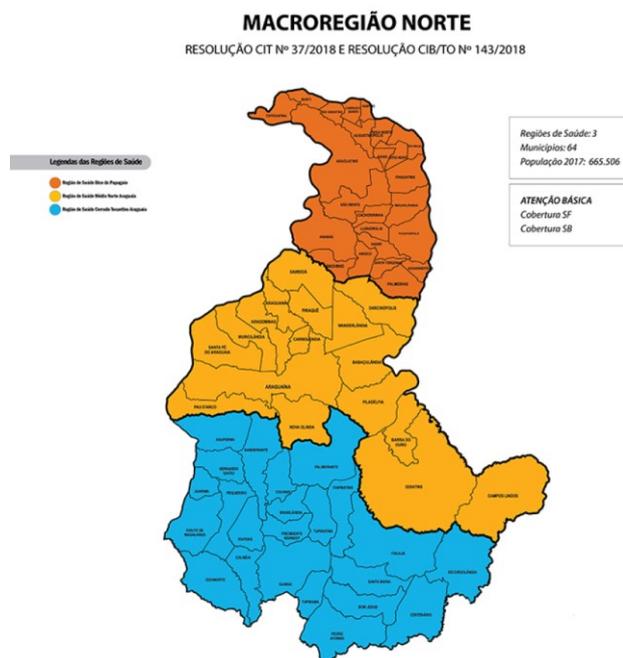
Uma das passagens mais marcantes deste período foi quando padre João ao perder o controle do comando da cidade, vendo suas forças política e religiosa diminuindo João Lima retirou-se do centro da cidade, passou um tempo nos povoados próximos, neste tempo organizou uma turma com duzentos homens armados, lavradores e indígenas, e em dez de maio de 1936 entrou na cidade tomou a prefeitura e pôs todos os trabalhadores para sair do local. A fama do padre João foi gravada no hino de Tocantinópolis onde diz "Terra do Padre João". Padre João comandou politicamente a região por aproximadamente 50 anos, consta na história do município de Tocantinópolis Segundo Palacín (1990, p. 104).

[...] o padre João, ao chegar em 1897 a Boa Vista, não tinha em caráter definitivo e como vigário, possivelmente vinha somente em visita à família, e talvez a pedido dos habitantes que desejavam sua mediação para a instauração de uma paz [...]. Sua permanência no cargo deve ter sido muito breve. Há uma referência de 1907 de que fazia já cinco anos que se encontrava suspenso de ordens teria, pois tido lugar em 1902. [...] é possível que a causa se encontre na razão aduzida pelo Padre Klaus: a negativa do padre João envolvido como estava em corpo e alma nos conflitos políticos partidário de deixar a sua terra, como lhe fora exigido pelo Bispo.

Em 1943, o município que já se chamava Boa Vista do Tocantins teve o seu nome mudado para o de Tocantinópolis. Após a passagem do padre João, outros conflitos também marcam a história desta cidade, principalmente os constantes conflitos entre famílias que disputavam o poder local. Há um conflito na história do país que tem sua passagem por Tocantinópolis, este conflito foi a guerrilha do Araguaia, Tocantinópolis neste momento era a cidade mais próxima com pista de pouso para aeronaves que traziam tropas do governo federal.

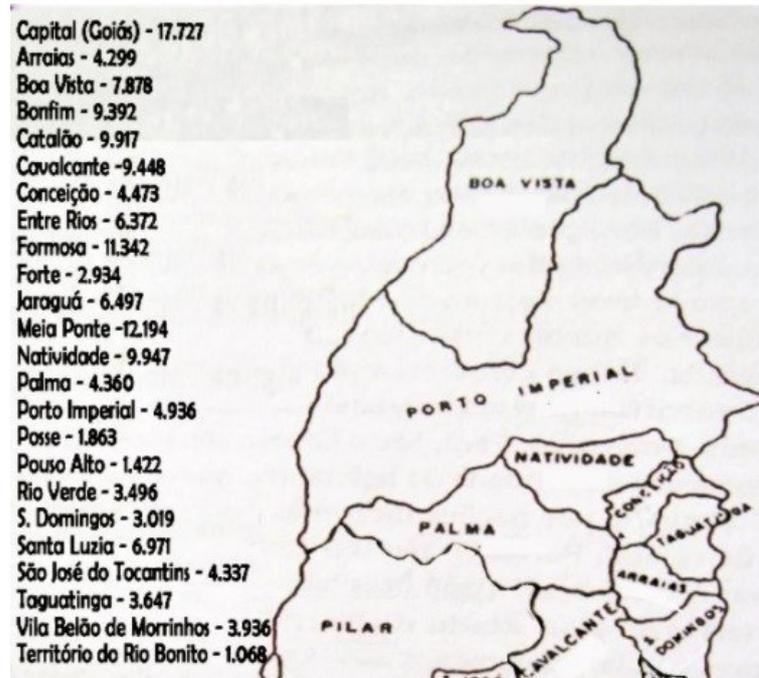
Nos escritos de Clenan Reunault (2018), pode se interpretar que o território político de Tocantinópolis quando ainda e chamava Boa Vista do Tocantins, era muito maior do que o atual. Este território ocupava grande parte do território das três macrorregiões de saúde do Estado do Tocantins, como pode ser comparado nas imagens logo abaixo (Imagem 01 e 02), ou seja, toda a região norte do estado pertencia ao município e com o aumento gradativo dos povoados que formaram novas cidades, foram surgindo e o território da cidade diminuiu (Imagem 02).

### Mapa 01 – Três macrorregiões de saúde do Estado do Tocantins



Fonte: Dados da pesquisa

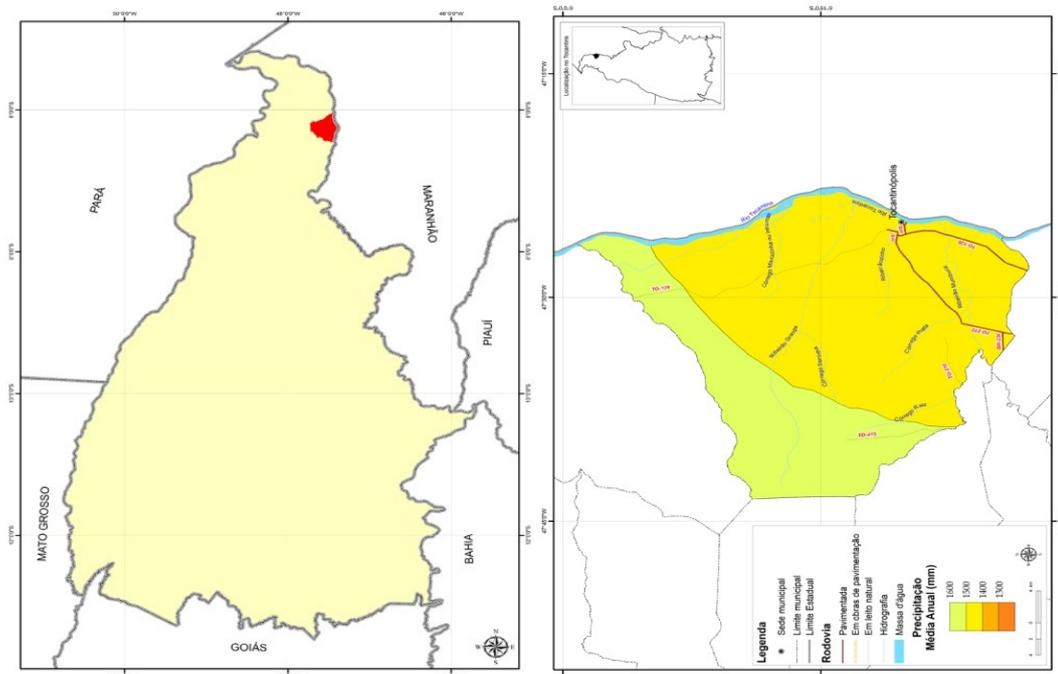
### Imagem 02 – Província de Boa Vista



Fonte: Padovan 2011 (adaptado pelo autor)

Hoje o que temos em questão de extensão territorial é muito pequeno comparado ao território que a cidade tinha no seu auge de poder político e econômico local, como pode ser visto nas imagens abaixo.

### Mapa 02 e 03 – Atual Território de Tocantinópolis



Fonte: Governo do Estado do Tocantins.  
 Perfil Socioeconômico dos Municípios (Tocantinópolis)  
 Publicado em 2017

### **3.2 Aspectos demográficos e socioculturais de Tocantinópolis.**

Atualmente a cidade de Tocantinópolis Segundo os últimos dados estatísticos do IBGE, possui uma população de vinte e três mil habitantes. A economia local é principalmente do comércio e o serviço público. A cidade possui somente três fábricas, uma de processamento do Babaçu (fruto da palmeira de babaçu típica da região), e de duas fábricas de rações, que influenciam na economia local com empregos diretos e indiretos.

No aspecto educacional são ofertados no município todos os níveis de ensino desde o básico ao superior e médio técnico, possui ainda duas escolas particulares que atendem ao ensino básico. No comércio local a predominância é de supermercados e lojas de confecções, possuindo também lojas de eletrônicos e eletrodomésticos, produtos agrícolas e demais setores. Há também clínicas particulares, um hospital público e uma Unidade de Pronto Atendimento.

Na cultura local temos como principal manifestação as festas juninas, que hoje tem seu ápice anual no festival regional de quadrilhas nomeado de Arraia da Alegria, esta festividade ocorre em uma semana do mês de junho e atrai a atenção dos munícipes e turistas da região, e durante todo o mês ela é realizada por famílias, escolas, bairros e associações. Outra manifestação cultural são os festejos religiosos que ocorrem em todos os meses do ano, em cada bairro da cidade e é promovido pela comunidade católica. A comunidade indígena apinajé também possui suas festividades culturais. A culinária e o vocabulário local em sua grande maioria são herdados da cultura indígena.

No que diz respeito a economia local essa é mantida principalmente pelo comércio seguido do serviço público, este último se justifica pelo fato de que Tocantinópolis é o centro de uma microrregião política, desta forma vários serviços e atendimentos ofertados aqui não são oferecidos nas cidades circunvizinhas.

Por possuir na cidade muitos comércios e a princípio o que percebemos e que nestes locais há uma divisão de tarefa por sexo, nos chama a atenção para o papel da mulher no mercado local, é facilmente perceptível que nos comércios as mulheres são mais presentes nos cargos de atendimento, principalmente nas lojas de confecções e caixas de supermercados, enquanto tarefas que requerem mais força física a presença do homem se torna superior. Por isso é necessário que comecemos a entender como este papel da mulher no ambiente de trabalho foi formatado.

Como a cidade de Tocantinópolis possui vários serviços públicos e atende a uma regional, um destes serviços é o de judicialização da violência sofrida pela mulher através da Delegacia da Mulher de Tocantinópolis, que atende ao município e a onze cidades vizinhas.

Tocantinópolis do ponto de vista econômico oferece um vasto potencial turísticos com seus locais de banho com água corrente, chácaras, e o Rio Tocantins que ajuda a aquecer o comércio local no período de veraneio entre os meses de junho a agosto.

A cidade ainda possui um histórico positivo em relação ao esporte, pois possui um dos clubes de futebol mais tradicionais do Estado o Tocantinópolis Esporte Clube, e por já ter tido equipes que conquistaram títulos estaduais e regionais em outras modalidades como futsal, vôlei e handebol.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentados através do Censo Demográfico de 1991, 2000 e 2010, reunidos no Perfil Socioeconômico dos Municípios de 2017, material produzido pela Secretaria do Planejamento e Orçamento, do Governo do Estado do Tocantins. Nos dados de População Residente, por Situação do Domicílio e Sexo - 1991, 2000 e 2010 e População Residente por Faixa Etária e Sexo - 1991, 2000 e 2010, é perceptível, a proporção da população tocaninopolina entre homens e mulheres é quase a mesma, como podemos ver nas imagens abaixo.

**Tabela 04 – Tabela de População Residente, por Situação do Domicílio e Sexo - 1991, 2000 e 2010**

**Tabela 3.2 - População Residente, por Situação do Domicílio e Sexo - 1991, 2000 e 2010**

População por Situação de Domicílio e Sexo	1991	2000	2010
<b>População Total</b>	<b>30.775</b>	<b>22.777</b>	<b>22.619</b>
<b>População Urbana</b>	<b>14.740</b>	<b>18.878</b>	<b>18.318</b>
Homens	7.148	9.157	8.912
Mulheres	7.592	9.721	9.406
<b>População Rural</b>	<b>16.035</b>	<b>3.899</b>	<b>4.301</b>
Homens	8.418	2.092	2.288
Mulheres	7.617	1.807	2.013

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Censo Demográfico 1991, 2000 e 2010  
Elaboração: Secretaria do Planejamento e Orçamento/Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas

Fonte: Governo do Estado do Tocantins. Perfil Socioeconômico dos Municípios (Tocantinópolis). Publicado em 2017. Imagem adaptada pela autora

**Tabela 05 – População Residente por Faixa Etária e Sexo - 1991, 2000 e 2010**

Tabela 3.4 - População Residente por Faixa Etária e Sexo - 1991,2000 e 2010

Grupos de Idade	1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<b>TOTAL</b>	<b>15.566</b>	<b>15.209</b>	<b>11.249</b>	<b>11.528</b>	<b>11.200</b>	<b>11.419</b>
Menos de 1 ano	466	390	247	273	212	212
De 1 a 4 anos	1.896	1.837	1.147	988	890	861
De 5 a 9 anos	2.393	2.271	1.452	1.331	1.109	1.085
De 10 a 14 anos	2.184	2.163	1.489	1.450	1.268	1.195
De 15 a 19 anos	1.688	1.527	1.452	1.421	1.238	1.121
De 20 a 24 anos	1.172	1.209	1.058	1.157	1.092	1.089
De 25 a 29 anos	1.017	1.038	748	813	963	990
De 30 a 34 anos	908	922	669	765	838	880
De 35 a 39 anos	728	829	629	696	667	695
De 40 a 44 anos	664	631	508	567	602	657
De 45 a 49 anos	516	496	415	471	505	584
De 50 a 59 anos	909	934	550	629	781	887
De 60 a 69 anos	627	535	437	576	488	564
De 70 anos ou mais	398	427	448	391	547	599

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Censo Demográfico 1991, 2000 e 2010.

Elaboração: Secretaria do Planejamento e Orçamento/Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas

Fonte: Governo do Estado do Tocantins. Perfil Socioeconômico dos Municípios (Tocantinópolis). Publicado em 2017. Imagem adaptada pela autora

De acordo com a tabela acima praticamente a metade da população tocanopolina é formada por mulheres por todos os locais da vida pública que andamos podemos vê-las. Porém algo de contraditório se mostra, ao pesquisar sobre a história deste local, e ao olharmos para os mais altos cargos das empresas, da administração pública e até mesmo da Câmara Municipal, percebemos que sua participação é muito reduzida, de modo geral a mulher tocanopolina quase não tem presença nestes locais.

Com isso podemos perceber que, o município de Tocantinópolis, onde essa pesquisa foi realizada possui toda uma dinâmica social que influência direta e indiretamente no comportamento e nas relações interpessoais, e são destas relações principalmente aquelas relacionadas ao trabalho que buscamos compreender o cotidiano da mulher que vive aqui.

É preciso com isso começar a pensar, onde está a mulher em Tocantinópolis? Quais locais ela ocupa? Qual seu cotidiano e sua rotina de vida? E a pergunta que possa ser a mais importante de todas, por que a mulher não tem espaço na história desta cidade? Essas questões podem ser sinais da violência constante que a mulher sofre em nossa sociedade, principalmente nos ambientes formais de trabalho.

### **3. MULHERES E TRABALHO NO COMÉRCIO EM TOCANTINÓPOLIS: DIMENSÕES DE VIOLÊNCIA**

Este capítulo tece relações entre as questões de gênero e a mulher trabalhadora do mercado formal de trabalho em Tocantinópolis. Buscaremos com isso construir duas reflexões, a primeira sobre a mulher e a violência em contextos diversos, e a segunda, sobre relações de

gênero no ambiente de trabalho na qual faremos as análises das entrevistas realizadas na pesquisa.

#### **4.1. Mulheres e violência: contextos diversos**

Pensar sobre a violência contra a mulher é pensar a partir de contextos diversos, porque ela nunca se apresenta da mesma forma, ou seja, ela nunca se apresenta de uma forma única resultado de uma ação. A violência contra a mulher além de se manifestar de várias formas, também se manifesta com diversos graus, elas fazem parte de uma sequência, dessa forma elas não são produzidas como algo isolado ao mesmo tempo em que elas são crescentes, chegando ao mais alto grau dessa manifestação que é o feminicídio.

Quando pensamos e falamos de contextos diversos estamos nos referindo as diversas situações que podem acontecer, porém estes aspectos possuem mesmo objetivo, ou o mesmo fim, quando falamos em mulheres. Pensar em violência realizada contra a mulher é pensar não somente a violência física, mas precisamos falar também de todas as manifestações de violência sofrida por elas.

Podemos afirmar que existem violências que são mais comuns do que as outras para isso seria necessário um grande estudo sistematizado que conseguiria reunir cotidiano da vida da mulher de forma constante. Porém, podemos supor que dentre todas essas violências sofridas duas delas que mais se destacam, é a violência física e a violência moral, segundo Guimarães e Pedroza (2015). Ao tratar sobre os tipos de violências simbólicas, destacam a Lei Maria da Penha, como algo que veio a especificar os tipos de violências sofridas.

Na Lei, as violências física e moral são definidas sucintamente: a primeira como condutas que ofendam a integridade ou saúde corporal (art. 7º, I) e a segunda como atos de calúnia, injúria ou difamação (art. 7º, V). As demais formas de violência, porém, são apresentadas com descrições minuciosas, oferecendo, dessa forma, mais esclarecimento e visibilidade a tipos menos (re)conhecidos de violência no espaço doméstico e familiar (GUIMARÃES E PEDROZA, 2015, p 263).

As autoras ainda apresentam outros três tipos de violência, que são reconhecidas na lei Maria da Penha, sendo elas a violência psicológica, sexual e patrimonial.

A definição de violência psicológica se remete aos impactos à saúde emocional, à autoestima e ao pleno desenvolvimento humano, a partir de condutas como de controle, ameaça, constrangimento, perseguição contumaz e humilhação (art. 7º, II). A definição de violência sexual vai além de condutas que constriam, mediante força ou ameaça, a mulher a participar de relação sexual não desejada, incluindo também a limitação ou anulação do exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos, como

forçar o aborto ou o uso de método contraceptivo. Por fim, a violência patrimonial se configura a partir de condutas de retenção, subtração ou destruição de objetos, documentos, bens e valores, Lei 11.340, 2006. (GUIMARÃES E PEDROZA, 2015, p 263).

Porém a partir de pesquisas foi possível identificar outros tipos de violência como a violência intrafamiliar, violência doméstica, violência econômico-financeira e violência institucional. Agora que temos aqui apresentados vários tipos de violência sofrida pelas mulheres, podemos pensar também nos contextos ou locais e situações em que essas violências acontecem para que depois possamos pensar como ocorre na cidade de Tocantinópolis.

Durante o processo de Coleta de dados com as entrevistas semiestruturadas e as leituras, ficou definido a partir do resultado das entrevistas que abordaríamos sobre a violência no universo feminino. Definimos a partir de três locais: no primeiro nós estamos falando do espaço que é inteiramente particular, ou seja, o lar, a sua casa, a vida doméstica. O segundo local diz respeito a vida pública, o terceiro é o recorte principal dessa pesquisa, estamos falando do ambiente de trabalho.

Qualquer que seja o tipo de sua estrutura, todo sistema social submete seus membros a um tipo especial de aprendizagem, chamado processo de socialização, através do qual os indivíduos introjetam os padrões culturais vigentes, (SAFFIOTI, 1976, BOURDIEU, 1995), dando assim a aparência de um fundamento natural a uma identidade que lhes foi socialmente imposta. Consideramos com isto que as definições dos tipos de violência têm sido importantes para destacar as diferentes maneiras que se realiza. Pois, é ocorre a partir de uma estrutura social pré-determinada que criou toda essa realidade vivida pelas mulheres Guimarães & Pedroza, (2015).

Além do mais, raramente, uma forma de violência ocorre isoladamente das demais. Independente da forma assumida pela agressão, a violência emocional e moral estará sempre presente, bem como suas consequências à saúde mental e à subjetividade das envolvidas (GUIMARÃES & PEDROZA, 2015, apud FONSECA, RIBEIRO & LEAL 2012; OLIVEIRA, 2008; SAFFIOTI, 1999).

Vamos começar pensando na vida particular, assim como nas demais queremos discutir nesse contexto o fato de a mulher não sofrer somente uma violência, mas todos os tipos de violência circulam no ambiente familiar, alternando-se os momentos em que são sofridas. Neste mesmo local temos um agressor ou agressores como o companheiro, os pais, irmãos, amigos e demais familiares. Segundo Oliveira, et. al., (2015), a maior parte das agressões é provocado por seu parceiro, isso porque, em consonância com outros estudos, essas características

aproximam-se do perfil de mulheres vítimas de violência no Brasil. Em 2010, Marques; Soares (2006), realizaram uma pesquisa que tinha por objetivo apresentar os dados da violência doméstica efetivamente judicializados nas Varas de Violência Doméstica das 42 comarcas do estado do Tocantins a partir de informações obtidas no sistema de processo digital do Tribunal de Justiça (TJ), intitulado Sistema Eletrônico de Processos (E-PROC), no Estado do Tocantins, neste estudo buscaram, identificar os casos de violência contra mulher que foram judicializadas através das delegacias especializadas de atendimento à mulher, de 2013 a 2015. Neste estudo foi possível verificar a existência de números elevados de casos de violência contra a mulher. Na cidade de Tocantinópolis por exemplo, os números são 34 casos em 2013, 95 casos em 2014 e 86 casos em 2015.

Estudos anteriores a este Silva (2016) apontou um aumento entre os anos de 2005 e 2008, isso porque em 2005 houve registro de 20 casos na delegacia da mulher em 2005, destes, somente (07) sete houve instauração de inquérito policial. Este número aumentou significativamente até 2008, quando foram realizadas 130 denúncias, e destas, 46 viraram inquérito policial. É necessário com isso esclarecer que para a oficialização destes dados através dos órgãos judiciais as vítimas precisam fazer a denúncia dos casos. Porém, fica evidente a realidade de violência constante sofrida pelas mulheres neste município. Podemos também pensar na hipótese de que a maioria dos casos não sejam denunciados e devidamente registrados, e com isso, este cenário de violência ser maior ao que fora apresentado.

Há um espaço, uma lacuna, entrar na vida privada e a na vida profissional da mulher, que não diz respeito ao seu lar e nem ao seu ambiente de trabalho, ela diz respeito aos outros espaços que ela circula entre estes, o espaço mais público, coletivo. Neste espaço ela também sofre todos esses tipos de agressões, por exemplo, circular com determinada roupa e ser violentada verbal e sexualmente por conta disto. Considerando-se o gênero, a violência contra mulheres constitui-se em um grande problema de saúde pública, levando à violação de direitos humanos. Dentre as formas mais generalizadas de violência contra a mulher, destaca-se a violência sexual, que para Oliveira et. al., (2015), é praticada por terceiros em espaços alheios ao lar e ao ambiente de trabalho.

Pelo fato de estar inscrito tanto nas divisões do mundo social ou, mais precisamente, nas relações sociais de dominação e de exploração instituídas entre os sexos, como nos cérebros, sob a forma de princípios de divisão que levam a classificar todas as coisas do mundo segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino Bourdieu, (1995), temos o terceiro local, que é o local de trabalho. Como já foi discutido, anteriormente, durante muito tempo a mulher tinha seu espaço restrito ao lar. O ambiente de trabalho era algo

que não lhe cabia. Este ambiente que outrora era predominantemente, masculino lhe impôs uma condição inferior ao homem levando a sofrer violências constantes até a atualidade e em todos os locais, como o que iremos discutir a seguir.

#### **4.2. Relações de gênero no ambiente de trabalho em Tocantinópolis**

Está pesquisa realizada na cidade de Tocantinópolis foi um desafio! Isso porque logo após a amostra ter sido delimitada e identificada buscamos o primeiro contato com as mulheres para falar da pesquisa e quais as informações que essa pesquisa precisava levantar. Tivemos muita resistência, grande parte das mulheres procuradas, quando informadas sobre a pesquisa, que se tratava de um estudo sobre a violência no ambiente de trabalho, de imediato desistiam. A principal pergunta que faziam era: “isso vai ser divulgado?” ou “o meu nome vai ser divulgado?”. Mesmo sendo esclarecido, que teriam suas identidades mantidas em sigilo, a grande maioria não aceitou. Começamos então a trabalhar com a ideia de que a violência sofrida no trabalho, afeta diretamente, o psicológico das mulheres a fim de deixá-las inseguras para falar desse problema.

A violência simbólica impõe uma coerção que se institui por intermédio do reconhecimento extorquido que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante na medida em que não dispõe, para o pensar e para se pensar, senão de instrumentos de conhecimento que tem em comum com ele e que não são senão a forma incorporada da relação de dominação (BOURDIEU, 1995, p. 142) .

Essa resistência em falar do ambiente de trabalho, a princípio, tínhamos deixado em segundo plano, porém ao olhar para o local da pesquisa com uma visão mais macro percebeu-se que se trata de uma cidade pequena, onde as pessoas ainda cultivam a ideia de todos se conhecerem. E por medo de perda do emprego por represália, vendo o local de trabalho como algo fundamental para sustento e subsistência familiar, está velado nesta situação as relações de poder. Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados Bourdieu (1995).

Essa relação que parte de uma violência simbólica a qual.

Os dominados aplicam a todas as coisas do mundo e, em particular, às relações de poder nas quais eles estão enredados, às pessoas através das quais estas relações se realizam, portanto também a si mesmos, esquemas de pensamento impensados, os quais - sendo o produto da incorporação dessas relações de poder sob a forma transformada de um conjunto de pares de oposição (alto/baixo, grande/pequeno, etc.) funcionando como categorias de percepção - constroem estas relações de poder do

ponto de vista próprio daqueles que aí afirmam sua dominação, fazendo-as parecer como naturais (BOURDIEU, 1995, p. 142).

A partir desta resistência em falar sobre o assunto, nota-se que a violência mais corriqueira em locais pequenos, que não possuem oferta vasta e significativa de trabalho é a violência simbólica, sofrida a partir do medo do que poderá lhe acontecer. A linguagem dominante pode ser utilizada como forma de manutenção de poder, uma vez exclui indivíduos que foram apartados das oportunidades de um sistema educacional justo. A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, Ribeiro (2017). Porém, essa resistência maior é em falar do seu ambiente de trabalho, o que nos leva a crer que o assédio moral seja praticado com constância. Isso posto a partir da entrevista semiestruturada (Anexo I – Roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada), e de modo geral, destacam-se falas em que as respostas são muito parecidas, a partir das duas perguntas principais como:

Você já sofreu violência no trabalho, quais?

*Sim. Psicológica, por ter que completar metas e nem sempre conseguia e devido isso era muito éramos muito cobradas por isso, e pelo fato de trabalhar com vendas tinha contato direto com homens e muitas vezes sofria certo assédio por parte dos clientes (ENTREVISTADA, 3, 2019).*

*Sim, psicológica passando por momentos que mim senti humilhada (ENTREVISTADA, 5, 2019)*

*Sim, já sofri muito ouvindo sermões piada sem graça, teve hora que pensei estar sendo assediada ao ouvir piadas com duplo sentido, tipo quando fala de jogar verde pra colher maduro...nossa é horrível, você não se vê respeitada pelo que faz, agente fica com medo, porque já vimos amigas sendo perseguidas e indo pra rua por ter respondido, nessa hora agente nem sabe o que faz (ENTREVISTADA,7, 2019).*

Quais as dificuldades que você encontra no ambiente de trabalho?

*Minha maior dificuldade é atender homens, porque alguns ficam falando besteira, cantada, e pedido o número do telefone pra manter contato, e a questão da concorrência nas vindas (ENTREVISTADA, 1, 2019).*

*No momento não tenho nenhuma dificuldade, pois no local de trabalho somos bem enturmados e cada um sabe da sua responsabilidade fazendo assim com que não tenha dificuldades no trabalho (ENTREVISTADA, 2, 2019).*

*A única dificuldade no ambiente de trabalho é a questão das metas, que muitas vezes não depende só da gente (ENTREVISTADA, 3, 2019).*

*Na área que trabalho graças a Deus não sinto nenhuma dificuldade (ENTREVISTADA, 4, 2019).*

*Com vendas, devido ter que vender muito pra alcançar a meta do mês, devido ter muitas pessoas que exercem a mesma função as vendas fica concorridas(ENTREVISTADA, 5, 2019).*

*São várias as dificuldades que se enfrenta dia a dia, a evidência da desvalorização do nosso trabalho não importa qual a função, o assédio moral é constante, o salário nunca ser igual ao salário dos homens, o que faz as mulheres socialmente sofrerem com essa desvalorização no ambiente de trabalho. E geralmente, as mulheres preferem se calarem, se manterem em silêncio do que denunciar, isto porque, ao contrário do que se imagina essas leis de proteção a mulher não se mostra nada eficazes, e falo isso por experiência própria (ENTREVISTADA, 6, 2019).*

*É trabalhar e cuidar dos meus filhos ao mesmo tempo, sinto que as vezes, quando preciso faltar pra leva eles no médico, ou ir na escola, os patrões ficam chateados, eles meio que reclamam sabe? E as metas, eles cobram muito da gente. Tem ainda os assédios dos clientes que as vezes exageram, mas se agente reclamar, acho que sobra e pra nós (ENTREVISTADA, 7, 2019).*

Como consequência da violência simbólica que estrutura toda nossa sociedade, temos ainda, a violência sexual, que pode ser explícita ou implícita. Explícita quando é abertamente produzida com falas gestos e insinuações, e implícita quando vem acompanhada de uma fala com duplo sentido, às vezes entendida, às vezes não, e por vezes camuflada em piadas sexistas. Trata-se nestes casos de uma realidade que atinge milhões de mulheres no mundo todo. Essa violência é aquela que a mulher sofre por ser mulher, e geralmente é praticada por homens próximos dela, como maridos, namorados, ex-companheiros e chefes de trabalho, um local perigoso à permanência da mulher, porém que necessita de resistência (MARQUES, 2016).

Os relatos das entrevistadas apontaram que a das sete (07) entrevistadas, cinco (05) identificaram algum tipo de violência no trabalho, que vai desde a violência sexista, ocasionada por assédio sexual até assédio moral. Porém nas análises das entrevistas a entrevistada 1, diz não sofre violência, mas que, ao atender alguns clientes eles fazem propostas que podem ser interpretadas como assédio, como podemos ver:

*Você já sofreu violência no trabalho, quais?*

*Nunca sofri nenhum tipo de violência, não que eu tenha percebido (ENTREVISTADA, 1, 2019).*

*Sim. Assedio por parte dos clientes homens que ficam pedindo telefone, dando encima. Às vezes ao atender clientes tem uns que ficam mais pra frente, são safados, começam a pedir o telefone, ficam dando cantadas, e mesmo sabendo que a gente é casada eles não se intimidam com isso e dão encima, e ao mesmo tempo tenho que ser educada por fazer parte da função de vendedora não pode ser grosseira tendo que tratar o cliente de tal forma que eles não prejudiquem a gente dentro da empresa e devido isso mesmo sendo uma situação constrangedora temos que ser educadas pra se sair bem da situação, mas acontece sim de sofrer esse tipo de violência de clientes por serem mais afoitos e não respeitarem. (ENTREVISTADA, 2, 2019)*

*Sim. Psicológica, por ter que completar metas e nem sempre conseguia e devido isso era muito éramos muito cobradas por isso, e pelo fato de trabalhar com vendas tinha conato direto com homens e muitas vezes sofria certo assédio por parte dos clientes (ENTREVISTADA, 3, 2019).*

*Não respondeu esta questão (ENTREVISTADA, 4, 2019)*

*Sim, psicológica passando por momentos que mim senti humilhada. (ENTREVISTADA, 5, 2019)*

*Física não, psicológica sim, assédio moral, falta de respeito sempre querendo nos colocar como pessoas não tão capacitadas quanto ao sexo masculino, sendo uma situação muito complicada de lhe dar (ENTREVISTADA, 6, 2019).*

*A violência feminina é um assunto muito fácil de ser abrangendo, eu não queria adentrar profundamente em relação a violência sofrida pelas mulheres, porque isso abala muito com o meu sentimento de ódio reprimido e com o meu psicológico afetado. Em minha opinião muitos homens se consideram como serem dominantes, não pensa duas vezes em desrespeitar uma mulher em frente a outras pessoas, a agredi-las, é uma total desigualdade social em relação a homens e mulheres (ENTREVISTADA, 6, 2019).*

*A mulher é considerada como ser inferior, e essa é a realidade. As maiorias das mulheres sofrem violência, e é uma estatística que vem só aumentando, como ver o aumento do feminicídio. A desvalorização da mulher é tão antiga quanto a própria humanidade, e ta longe de ser mudada se não sofrem criadas leis que de fato protejam as mulheres, não que as tornem mais desprotegidas (ENTREVISTADA, 6, 2019).*

*Os casos de violência são muito altos, e o sistema de segurança no Brasil ser falho, e burocrático (digo por que já passei por isso), é um dos motivos do baixo índice de casos denunciados e julgados, assim como, o medo dos seus companheiros ou porque muitas vezes dependem financeiramente deles, não contando as agressões que sofrem, fazendo com que mais criminosos ficam livres e mais mulheres se tornam vítimas da violência (ENTREVISTADA, 6, 2019).*

*Desde os tempos primordiais nós mulheres sempre fomos vistas como se fossemos submissa ao homem. Observa-se que mesmo nos tempos atuais lutamos pelo direito de igualdade, mesmo assim a diferença é enorme e para exemplificar nós mulheres somos vítimas de violência de uma forma generalizada, principalmente de parceiros machistas, no trabalho ganhando menos que os homens, na política o número de homens é superior ao das mulheres na mesma. Observa-se que a violência é crescente, e vem só aumentando mesmo com todas as leis criadas, isso se percebe nas reportagens que noticiam agressões física, psicológica, sejam por parceiros por causa de ciúmes ou no ambiente de trabalho como assédio moral (ENTREVISTADA, 6, 2019)*

*Por tudo isso nos tempos modernos existe uma diferença de igualdade entre homens e mulheres, pois temos que mudar a cultura que ainda prevalece no Brasil por meios de propagandas onde é o meio mais prático para chegar ao alcance de todos, educação nas escolas, criando leis mais severas para evitar que muitas mulheres continuem sofrendo violência em ambientes diversos. (ENTREVISTADA, 6, 2019)*

*Sim, assédio (ENTREVISTADA, 7, 2019).*

Para Marques (2016), o desequilíbrio de poder nos locais de trabalho e as condições precárias de emprego para muitas mulheres as tornam mais vulneráveis principalmente ao assédio moral e/ou sexual, mas também a abusos e violações de todas as formas.

A partir dos questionamentos realizados, notou-se que em sua grande maioria o acesso ao mercado formal de trabalho, principalmente nos comércios se dá através de análise de currículo e entrevistas, e uma minoria através da indicação de outra pessoa próxima a ela.

Sobre a violência a maioria aponta, para violência psicológica. Sustentamos essa situação através dos assédios moral e sexual, ambas de cunho sexista, outra pequena parte diz não sofrer, e uma parte menor diz não saber. Através das leituras e análises de outros artigos, apontamos para a possibilidade de que todas sofram algum tipo de violência, porém ainda não conseguem identificar no momento que isso ocorre. Isso se sustenta a partir das leituras já realizadas, pois vivemos em uma sociedade machista e estruturada simbolicamente através da relação de gênero, como explica Bourdieu (1995), onde essas violências são realizadas através da dominação masculina. Outro fato que sustenta esta fala é o fato apresentado logo no início deste capítulo, onde muitas das mulheres procuradas para a entrevista se recusaram a falar, e está explícito a recusa por medo do que poderia lhe acontecer.

As relações entre homens e mulheres no ambiente de trabalho, também foi algo investigado. Nele analisamos as falas, buscando identificar possíveis atos de violência realizada a partir de um colega homem com a qual elas convivem, e que este colega, estava na mesma condição hierárquica de trabalho, porque, quando se trata de relação entre cargos distintos, onde o homem está em um cargo hierárquico maior, o assédio é mais comum.

Ao serem questionadas sobre a diferença de salário, por trabalharem em sua maioria no ramo varejista, o que predominou foi a não diferenciação do salário por gênero, mas por produtividade, ou seja, aquele que ganha mais é o que vende mais. Em relação aos cargos distintos, a diferenciação do salário foi maior, ao mesmo passo em que viam, que outros cargos o esforço físico é menor e, a remuneração é maior, pois esses cargos em sua maioria são ocupados por homens. Algo que condiz com a realidade do mercado, os cargos mais altos e mais bem remunerados, são ocupados por homens.

Outro fato importante é que as mulheres que se dispuseram a falar foram mulheres com idade aproximada e superior a 30 anos, que já possuem filhos, ajudam no sustento da família, são ou já foram casadas. É dado importância a este fato a medida em que é possível verificar um determinado grupo ou recorte do público feminino que através de sua condição socioeconômica e de formação no que tange a informação, entende a seriedade da pesquisa bem como sua importância, dessa forma, não sentem receio de falar e expor situações de violências sofridas. Em um estudo realizado por Moura, Neto e Souza, no ano de 2012, a qual verificou o perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas, na cidade do Rio de Janeiro, verificou-se, algo similar a esta situação, pois a

maioria era adulta jovem, casada ou em união estável, com escolaridade mais elevada, cor branca. O agressor era predominantemente do sexo masculino, na maioria dos casos tratava-se do cônjuge e destacava-se a violência de repetição Moura, Neto & Souza (2012).

segundo os autores:

Em relação à idade dessas mulheres, evidenciou-se uma predominância de aproximadamente 24.710, cerca de 65%, na faixa etária entre 20 e 39 anos, ressaltando a preocupação dos autores por ser a idade reprodutiva e economicamente ativa das mulheres. Os dados mostraram também uma representação de 2,7% de violência de gênero em mulheres idosas (MOURA, NETO & SOUZA. 2012. p 439).

No que se refere à cor das mulheres estudadas em situação de violência, verificou-se nos registros que há uma predominância de 20.566 (54,1%) de mulheres de etnia branca, as quais são reconhecidas por denunciarem mais a agressão, o que não implica necessariamente que estas sejam as mais vitimadas, considerando a subnotificação de outros grupos étnicos (MOURA, NETO & SOUZA. 2012. p 439).

Em relação à escolaridade, foi constatada que há uma diferença significativa entre aquelas que têm o ensino fundamental completo, com 22.936 mulheres, correspondendo a 60,3%, o que representa quase o dobro comparado àquelas com o ensino médio completo, representando 11.740 (30,9%) (MOURA, NETO & SOUZA. 2012. p 439)

De todas as 38.009 mulheres em situação de violência, no que concerne à situação conjugal, cerca da metade, 19.108 (50,3%), era solteira. É difícil afirmar que este grupo realmente é o mais afetado pela violência, considerando também que as mulheres casadas se submetem à violência sem registrá-la, por não visualizarem o problema como uma violação de seus direitos e dependência a que são submetidas (MOURA, NETO & SOUZA. 2012. p 439).

Partindo do pressuposto que a comunicação oficial aos órgãos de segurança pública, dos atos de violência sofridos pela vítima, já é uma condição de luta e resistência a esta violência, associados ao fato de que a violência contra mulher ocorre em todos os lugares, estes dados trazidos pelos autores corroboram a participação do público entrevistado nesta pesquisa.

Diante dessa análise, parte-se do pressuposto de que as mulheres trabalhadoras formais da cidade de Tocantinópolis estão expostas a lugares de trabalhos que não é totalmente seguro, isso porque em algum momento já sofreram alguma violência nestes locais. Destacando a violência, nesse contexto e tramitando na história da mulher, ao longo dos séculos na sociedade, mas sendo considerada como direito do homem sobre sua propriedade, a mulher, como destaca Dias, Santo & Ramalho (2018).

Entende-se com isso que estas mulheres estão inseridas em um contexto em que segundo Dias, Santo & Ramalho (2018), tenha sido criada pelas ideologias vigentes na sociedade e que não partem de ações individuais, isoladamente ou somente nas esferas das classes mais baixas. São estruturas sociais que foram se delineando e projetando-se socialmente de forma interrupta

e de direcionalmente abrupta, que se propagou e ganhou espaços sociais que alimentam esse modo de vida patriarcalista, a qual somos impostos.

Segundo Bourdieu (1995 p. 175), esse cenário só irá mudar quando:

Uma ação coletiva visando organizar uma luta simbólica capaz de pôr em questão praticamente todos os pressupostos tácitos da visão falonarcísica de mundo pode determinar a ruptura do acordo quase imediato entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivadas, que é a condição de uma verdadeira conversão coletiva das estruturas mentais, não somente entre os membros do sexo dominado, mas também entre os membros do sexo dominante, que só podem contribuir para a libertação ao se libertarem do ardiloso privilégio.

Entendemos que as articulações das mais variadas formas de violência ocasionadas no mercado de trabalho em Tocantinópolis, se configurando como um fenômeno da violência, nos permitindo compreender, como é marcada a vida da mulher nesta cidade, a partir da demarcação de poder, de negação e de opressão às mulheres no trabalho.

## **Considerações**

A pesquisa realizada permitiu analisar como a mulher sofre com a violência exercida de várias maneiras, e que essa violência não é de agora, ela já vem desde os primórdios das civilizações humanas quando ela começa estipulando papéis pré determinados para homens e mulheres, subjugando as mulheres à papéis restritos ao lar, somente ao lar, não dando a elas a oportunidade de experimentar outros espaços. Isso porque esses espaços já eram predominantemente ocupados por homens e quando a mulher percebe que ela pode participar desses passos e que ela tem a capacidade de estar nesses espaços trabalhando e convivendo com outros homens, ela busca com isso a sua afirmação nesse local. Entretanto, ela encontra resistências que faz com que novas violências surjam, levando-as a serem agredidas no seu dia a dia.

Com essa pesquisa, também, é possível mostrar que o espaço de trabalho só foi aberto para a mulher, definitivamente com o advento das revoluções industriais, que aumentaram a necessidade da mão de obra no mercado de trabalho, porém não foi um início amistoso. Esse início foi marcado por muitos confrontos, com o surgimento dessas novas violências que aqui foram tratadas ao passo em que a manifestação dessas violências buscava reafirmar o papel de superioridade do homem em relação à mulher em todos os espaços.

Tratamos aqui também de três espaços que as mulheres transitam e que neles sofrem violências constantes. Sofrem desde violência no seu lar que é o primeiro espaço, sofre

violência nas áreas públicas, e nas áreas privadas onde é o seu trabalho. Ou seja, a partir dessas análises, foram possíveis identificar que a mulher vive constantemente sendo humilhada, abusada, não importa qual o local que ela esteja ela vai sofrer algum tipo de violência pela estrutura patriarcal da sociedade e, Tocantinópolis não é diferente.

Levando essa discussão para o local que a pesquisa foi feita e analisando as falas das entrevistadas, foi possível identificar que há muito que precisa ser feito, ainda há muita conscientização, informação e educação que precisa ser trabalhada em relação as questões de gênero na nossa sociedade. Porque algumas mulheres ainda possuem medo de falar, ainda não sabem onde é o seu local de fala. Em outros aspectos algumas mulheres não conseguem identificar um momento de uma violência, seja ela velada, realizada a partir de um assédio moral de um assédio sexual.

Entendemos que o objetivo dessa pesquisa foi alcançado, pois buscou-se analisar a (as) violência/s sofrida/s pelas mulheres trabalhadoras do comércio formal na sua atividade laboral no município de Tocantinópolis (TO).

O resultado indicou por perceber que esse ambiente é um ambiente insalubre, e que algumas mulheres, apesar de estarem dentro deste ambiente, não conseguem ver a violência que elas sofrem, não conseguem ver que apesar de ser um colega de trabalho, às vezes uma piada, é um sinal de violência. Isso precisa ser modificado, políticas de conscientização precisam ser construídas.

Conseguimos compreender a partir das reflexões oportunizadas pela leitura de Pierre Bourdieu (1995) que essa mudança, também não depende somente da mulher, ela também depende de uma reeducação de todos/todas. Por que o homem dentro deste processo se vê como aquele que detém o poder das relações e faz mal uso dele. A partir do momento em que eles se conscientizarem, se educarem, teremos mudanças significativas na realidade.

Por fim mostramos que apesar de ser uma cidade pequena, que está afastada dos grandes centros urbanos no qual o capitalismo é mais intenso, selvagem, as mulheres que trabalham aqui estão sujeitas as violências que as mulheres trabalhadoras dos grandes centros urbanos. Isso é devido ao fato de que todos nós estamos inseridos na mesma sociedade, capitalista patriarcal machista e sexista, que já olha para a mulher com algo pré-determinado, com papéis pré-estabelecidos e que faz uso disto para justificar as suas violências diárias e frequentes.

Esta pesquisa mostrou-se importante, pois identificou que mesmo nesta cidade, a violência sofrida por mulheres é algo real, o que acontece constantemente. Podendo servir de base para trabalhos que venham a ser realizados com intuito de publicização. E porque deixa

novas possibilidades para que outras pesquisas sobre a relação entre gênero e violência no trabalho seja realizada.

Nesta pesquisa só fizemos análise da situação das trabalhadoras formais, embora haja as trabalhadoras informais, pequenas, médias e grandes empreendedoras. Realidades que necessitam ser investigadas a fim de que possamos confrontar para identificar como ocorrem nesses outros locais de trabalho, com relação à violência que é imposta à mulher.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da Participação Feminina na Educação Superior, no Mercado de Trabalho e na Sociedade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e174090, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822018000100214&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822018000100214&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 nov. 2020. Epub 08-Out-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174090>. Acesso em ago, 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO, L. A. A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo. **Tempo Social**, v. 23, n. 2, p. 265–295, 2011. *Tempo Social*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702011000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702011000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31/10/2018.

DIAS, Francielle Diana; SANTOS, Michelle Batista dos; RAMALHO, Claudilene da Costa. **Na violência contra a mulher a lei mete a colher**. 6º Encontro Internacional de Política social. 13º Encontro Nacional de Política Social. Tema: Duzentos anos depois: a atualidade de Karl Marx para pensar a crise do capitalismo. Vitória (ES, Brasil), 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/einps/article/view/20035>, acesso em 14/08/2020.

ECHEVERRIA, J. G. M.; OLIVEIRA, M. H. B. DE; ERTHAL, R. M. DE C. Violência doméstica e trabalho: percepções de mulheres assistidas em um Centro de Atendimento à Mulher. **Saúde em Debate**, v. 41, n. spe2, p. 13–24, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042017000600013&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000600013&lng=pt&tlng=pt)>.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 158p.

GABRIEL, A. P. **O Trabalho Das Mulheres Em Supermercados : Um Estudo De Caso**. , p. 247–256, 2016.

GOMES, A. F.; CHAVES, A. M.; DANIELLE, D.; NEVES, D. Relações de Gênero no Mundo do Trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia. **Encontro da ANPAD - EnANPAD**, 38, p. 1–16, 2014.

GUIMARAES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v.

27, n. 2, p. 256-266, Aug. 2015 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822015000200256&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200256&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 07 Out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, A. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política.** , n. May, p. 733–743, 2017.

LAROUSSE, Ática. **Dicionário da Língua Portuguesa**, São Paulo/SP, Ática 2001

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2-19.

MARQUES, F. G.; SOARES, P. S. Os dados da violência doméstica no estado do Tocantins a partir do sistema e-proc. **Esmat 14**, v. 14, p. 11–2, 2006.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. Boitempo. São Paulo, 2013.

PADOVAN, Regina Célia. **Lugar da escola e lugar da fronteira: o ensino fundamental em Boa Vista do Tocantins, em Goiás, no século XIX (1850-1896)**. 2011. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

PALACÍN, Luis Gomes. **Coronelismo no extremonorte de Goiás. o padre João e as três revoluções de Boa Vista**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

REIS, Patricia Nunes Costa; MELO, Fernanda Augusta De Oliveira; ALMEIDA, Emanuelle Marczuk Schettino de Paula; CARVALHO, Luis Celso de, M. A. C. S. a Participação Feminina Na Gestão Empresarial No Século Xxi : Um Estudo De Caso Na Empresa. **SEGeT - Simpósio de ExceLência em Gestão e Tecnologia**, , n. 2005, 2013.

PEREIRA, Clenan Renault de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis**. Palmas-TO. Editora, 2012.

RIBEIRO LOUREIRO, L. F.; XAVIER COLODETTI, A. A discriminação da mulher no mercado de trabalho. **Revista Dissertar**, v. 1, n. 7, p. 63–65, 2018.

SAFFIOTI, LHELEIETH I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. **Vozes**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 1976.

SANTOS, L. DOS. Sociologia do trabalho. **Universidade Federal de Santa Maria**, v. 21, n. 3, p. 72, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-6552006000300011&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552006000300011&lng=pt&tlng=pt)>. .

SCHNEIDER, SÉRGIO; SCHMITT, C. JOB. Método comparativo.pdf. **Cadernos de Sociologia, Porto Alegre**, p. 49–87, 1998.

SILVA, G. A.; MARQUES, M. I. B. Divisão Sexual do Trabalho e Mercado de Trabalho no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 58, p. 42–43, 2006.

SOUSA, L. P. DE; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123–139, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=pt&tlng=pt)>. .

TOCANTINS, S. S. DO P. Perfil Socioeconômico dos Municípios. **Governo do Estado do Tocantins**, p. 39, 2017.

TORRES, M. A. DA S. A divisão sexual do trabalho: a inserção da mulher no mundo do trabalho. **I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero**, p. 1–11, 2006. Disponível em: <[https://portais.ufg.br/up/245/o/stg2006\\_01.pdf](https://portais.ufg.br/up/245/o/stg2006_01.pdf)>.

## **ANEXOS**

### **Anexo I – Roteiro da Entrevista Semiestruturada.**

1. Qual seu nome?
2. Escolaridade?
3. Onde nasceu:
4. Tem filhos?
5. Quando começou a trabalhar?
6. Como foi a contratação para o trabalho?
7. Você já sofreu violência no trabalho? Se sofreu quais?
8. Como ocorre a relação entre homens e mulheres no trabalho?
9. Qual a carga horária de trabalho?
10. Quais as dificuldades que você encontra no ambiente de trabalho?